

O Estado de S. Paulo

10/3/1985

Pazzianotto ocupa o espaço como um mediador eficiente

A atuação da Secretaria de Estado de Relações do Trabalho como mediadora de greves e movimentos de trabalhadores mereceu a aprovação incondicional de Alcy Nogueira, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores da Indústria Química e Farmacêutica do Estado; de Argel Egídio dos Santos, presidente da Federação dos Metalúrgicos de SP; de Aurélio Mendes de Oliveira, da Confederação Nacional do Comércio, Federação do Comércio de SP e presidente do Sindicato dos Vendedores Ambulantes do Estado; e de Roberto Horiguti, presidente da Federação dos Trabalhadores da Agricultura de SP (Fetaesp). Mas, na área de higiene e segurança do trabalho, os três primeiros acham que Almir Pazzianotto não obteve o mesmo êxito. Horiguti não se pronunciou a esse respeito.

Na "Síntese de Atividades do Biênio 83/84", boletim da Secretaria, a ênfase foi dada aos primeiros acordos coletivos entre trabalhadores e empresários da zona rural — que, como o próprio Pazzianotto admitiu publicamente, há dias, não estão sendo cumpridos por grande parte dos empresários rurais. Outros destaques da "Síntese": o treinamento e a intermediação de mão-de-obra, a orientação trabalhista, a emissão de novas carteiras profissionais e a organização de cursos, debates e seminários.

Para Alcy Nogueira, a Secretaria do Trabalho "ocupou um espaço que antes era da Delegacia Regional do Trabalho". Argeu Egídio disse que a secretaria "sempre foi eminentemente política, como fruto do sistema autoritário". E fez um histórico: "Quando Almir assumiu, o trabalhador reagia com greves aos decretos de arrocho do governo federal. A DRT, que deveria ser o órgão que buscava o entendimento e a conciliação, não vem exercendo essa sua prerrogativa ao longo do tempo. Hoje, quando temos conflito, aconselhamos os companheiros a procurar a secretaria, e não a DRT, porque esta, quando participa das negociações, se não há acordo, leva o caso direto à Justiça do Trabalho, que, invariavelmente, joga para dissídio. Com Pazzianotto, temos certeza de uma intermediação eficiente".

Na área de higiene e segurança, Alcy Nogueira acha que Pazzianotto foi "corajoso" ao dar divulgação ao caso do escapamento de gás benzeno na Cosipa. "Era um problema que o Sindicato dos Químicos de Santos, São Vicente e Cubatão vinha denunciando há meses. O secretário só não pôde fazer mais porque a legislação não o autoriza a punir a empresa." Para Argeu, os empresários "agem como se insalubre fosse o trabalhador, e não a empresa", demitindo os que, depois de muita luta, conseguem a taxa de insalubridade e admitindo novos empregados sem direito à taxa. Contra isso, na sua opinião, Almir Pazzianotto não conseguiu progredir muito. Na "Síntese", isto fica claro: foram feitas 8.408 vistorias, 1.017 perícias, 3.111 termos de notificação e apenas 436 autos de infração.

Os números da intermediação de mão-de-obra mostram que não se avançou muito também na colocação de empregados: para 291.994 cadastrados, foram colocadas apenas 40.611 pessoas. Aurélio Mendes afirmou que 80% dos cem vendedores ambulantes da Capital estão desempregados. E, sobre a promessa de Montoro de gerar 400 mil empregos, comentou: "Ele alcançaria essa meta se fizesse como o Íris Rezende, arrebanhando mão-de-obra para trabalhar em mutirão". Mas Aurélio faz uma ressalva: "Nesse governo, pelo menos, não se vê casos de corrupção". Mesmo assim, acha que "os secretários deveriam prestar contas freqüentemente à população".

Para Roberto Horiguti, o simples fato de Almir ter conseguido um acordo para os "bóias-frias" e o assentamento de 400 famílias de agricultores em 15 mil hectares no Pontal de Paranapanema já representam um "enorme progresso". O fato de que o acordo não esteja

sendo cumprido não abala sua admiração por Pazzianotto. E sua opinião sobre Montoro não muda diante da declaração de inconstitucionalidade da tentativa de assentamento de mais 300 famílias nas fazendas Santa Rita e Ribeirão Bonito, nem diante da violência com que os trabalhadores foram tratados em Guariba — fato criticado por Alcy, Argeu e Aurélio.

(Página 29)